

**Shirley C. Guthrie**, *Sempre se Reformando: A Fé Reformada em um Mundo Pluralista* (São Paulo: Pendão Real, 2000), 174 pp. Traduzido do original em inglês *Always Being Reformed — Faith for a Fragmented World* (Westminster/John Knox, 1996).

Nos últimos anos, A Editora Pendão Real lançou dois livros relacionados à herança reformada: *A Tradição Reformada — Uma Maneira de Ser a Comunidade Reformada* (1997), de John Leith, e *Grandes Temas da Tradição Reformada* (1998), editado por Donald McKim. Agora lança um novo livro, de Shirley C. Guthrie, professor de Teologia Sistemática no Seminário Teológico de Columbia, na Geórgia, Estados Unidos. Este livro surgiu como uma versão ligeiramente ampliada das Conferências Warfield, proferidas no Seminário Teológico de Princeton na primavera de 1995.

O livro de Shirley Guthrie oferece aos leitores uma caricatura, uma distorção da tradição reformada. Aliás, ele acolhe, sem críticas, várias objeções acadêmicas que já foram levantadas — e respondidas à altura — contra a tradição reformada. Sua sugestão de revisão da doutrina tradicional da providência de Deus (que ele chama de “doutrina especulativa da soberania de Deus”) chega muito perto da teologia do processo. No capítulo em que trata especificamente da doutrina da Trindade, que poderia ser o melhor da obra, o autor apenas repete antigas acusações a essa doutrina. Porém, mais interessante é sua tentativa de defesa da doutrina trinitariana dos pais orientais, a *pericorésis*. Ainda que esse conceito não tenha sido dominante no Ocidente, onde prevaleceu a doutrina de Tomás de Aquino, com sua ênfase na unidade divina, Agostinho, Calvino e John Owen em grande parte o reafirmaram (sem mencionar o nome), seguindo, por exemplo, Basílio de Cesaréia. Mas isto não é nem mesmo mencionado na obra.

O autor afirma basear-se nos reformadores continentais do passado, como Zuínglio, Bullinger e Bucer, mas não cita nenhum deles. Na verdade ele acaba citando em demasia Karl Barth, Jürgen Moltmann, Daniel Migliore e Clark Pinnock (um ex-calvinista que tem defendido uma variante da teologia do processo), como se eles fossem os verdadeiros representantes da tradição reformada. Shirley não apenas não interage, mas ignora completamente os calvinistas Jonathan Edwards, Charles Hogde, B. B. Warfield, Abraham Kuyper e reformados contemporâneos como Cornelius van Til, R. C. Sproul, James Boice, Alister McGrath e Carl F. Henry.

Seu principal objetivo é revisar a tradição reformada, apelando para as principais confissões de fé dessa tradição. Mas ele recorre, principalmente (e de forma reveladora), às confissões de fé mais recentes, que, além de não terem sido testadas pelo tempo, não têm tido a mesma influência que a Confissão Belga ou a Confissão de Westminster, por exemplo. O autor apela a uma diversidade dentro da tradição reformada — o que realmente existe. Mas uma comparação entre a Confissão Belga, a Confissão Escocesa, a Confissão de Westminster, a Segunda Confissão Helvética, o Catecismo de Heidelberg e os Catecismos de Westminster mostra que, ainda que essas confissões tenham ênfases diferentes em algumas áreas, elas estão em profundo acordo no que se refere ao coração do evangelho — evangelho este que tem sido pregado por Agostinho, Wycliffe, Hus, Calvino, Zuínglio, Knox, Owen, Goodwin, Edwards, Whitefield, Carey, Spurgeon e Lloyd-Jones, para citar apenas alguns dos filhos mais destacados da tradição reformada histórica. O que Guthrie faz, então, é não distinguir o que é permanente (a verdade do evangelho) do que é condicionado culturalmente, impondo às antigas confissões

reformadas um conceito de "relatividade" que seus autores originais desconheciam.

Houve méritos no lançamento do livro de Leith (apesar de editado) e no de McKim, pois eles têm material de valor histórico e mesmo teológico e pastoral. Mas o livro de Guthrie presta um grande desserviço à fé reformada, trazendo para nosso país uma caricatura da tradição calvinista. Isso é lamentável. Apenas de passagem, vale ainda mencionar sua tremenda ambigüidade quanto ao homossexualismo, à ordenação feminina e a sua posição quanto a uma linguagem inclusivista/exclusivista.

Ao manipular e filtrar informações, o autor acaba por agir de forma intelectualmente questionável — um pecado que deveria ser detestável na comunidade acadêmica! Ele seria mais honesto se admitisse que está redefinindo o conceito de "reformado," para abarcar um outro "evangelho" (que não é o Evangelho), totalmente irrelevante para um mundo pluralista e pós-cristão.

— Franklin Ferreira